

Do autor da série *best-seller* **TEXTOS CRUÉIS DEMAIS**

**Igor Pires**

**todas as coisas que  
eu te escreveria se  
pudesse**



# poemas pra desentrelaçar as mãos

*você me pergunta o que é a vida e eu respondo que ela  
é este sopro brecha fresta espaço cisão buraco  
que existe no meio das coisas  
no eixo de tudo  
no centro do universo  
e fora dele*

*te escreveria todas as coisas se pudesse  
mas escrevê-las seria voltar a  
acreditar que eu te amei um dia  
e não quero crer que cavei um  
buraco tão fundo e mergulhei  
tão desprotegido em alguém que  
não se emociona.*

## **todas as coisas que eu te escreveria se pudesse**

te escreveria todas as coisas  
mas escrevê-las é como passar mel na sua boca  
é acreditar em um deus que nunca vi  
percorrer uma estrada em que não vejo saída  
permitir que seu corpo regresse ao infinito do meu

te escreveria todas as coisas se pudesse  
mas escrevê-las seria queimar as bibliotecas da cidade  
apagar as verdades que já foram escritas pelos filósofos da  
antiguidade  
pelos poetas que morreram sem conhecer o sabor da fama  
pelas pessoas que amaram e não tiveram em seu amor o  
reconhecimento do cinema  
a bênção da lágrima que escorre  
do rosto de quem pagou pelo filme errado

te escreveria todas as coisas se pudesse  
mas escrevê-las seria voltar a acreditar que eu te amei um dia  
e não quero crer que cavei um buraco tão fundo e mergulhei tão  
desprotegido em alguém que não se emociona

seria reconhecer que ainda há uma humanidade em minha pele  
que tem seu cheiro e seu gosto  
que conhece onde começa e termina seu pulmão  
que sabe onde moram todas as suas feridas e onde estão  
guardadas as mentiras que você me contava pouco antes de  
dormir

te escreveria todas as coisas se pudesse  
mas escrevê-las seria voltar às primeiras lágrimas que chorei  
depois que você se foi  
seria rasgar o céu pela metade na esperança de que deus  
pudesse descer e aliviar a dor de te ver escolhendo outra pessoa  
de que deus pudesse me curar de querer voltar a tudo aquilo  
que me parte ao meio

eu te escreveria todas as coisas  
mas escrevê-las seria como dar poder a uma criança que  
certamente optaria pela brincadeira mais difícil e pelo doce que  
não pode ter  
seria como te munir com as armas:  
a bala  
os dedos em sinal de que é chegada a hora do fim  
a respiração ofegante antes do tiro

eu te escreveria todas as coisas se pudesse  
mas escrevê-las seria assinar minha sentença de morte  
o obituário de alguém cujo pecado foi amar de olhos fechados e  
coração aberto  
de quem errou no movimento: era o músculo morador do peito  
que precisava se fechar

mas eu não sabia de você  
e agora sei.

você é aquele cara que nunca entrou na biblioteca da cidade pra  
ler um livro ou uma pessoa  
que nunca chorou ao imaginar a possibilidade de tantos artistas  
saírem do anonimato e finalmente ganharem o mundo  
que nunca torceu pra que eu fosse o artista anônimo que  
finalmente ganha o mundo  
que nunca torceu pra que eu, enfim, fosse o ganhador de algo  
ou alguém

aquele cara que nunca leria os meus textos porque eles nunca  
precisariam dos seus olhos pra existir

e você não se emociona,  
afinal.



## **seu amor é uma primavera verdejante**

você tem amado nos lugares errados.  
olhado pra espelhos que não te  
refletem ou refletem tua luz.  
[os olhos dele nunca te disseram  
uma verdade]  
plantado sentimento em solos  
que nunca tiveram filhos  
entregado coração a terras  
que só deram à luz pessoas inférteis  
então como, me diz, como, você quer ser amada?

você tem amado em lugares que nunca  
viram a luz do sol aquecer a paisagem  
e tem entregado conversas a pessoas  
que tiveram os ouvidos arrancados pela fúria da honestidade.  
as palavras que sua boca emana  
entram por um lado e saem por outro  
como carros de corrida perdidos no meio da pista.

você fala, mas ele não te escuta



você ergue os muros e ele, com mãos distraídas,  
derruba tudo o que você construiu.

você tem amado em países  
onde o amor ainda não é legalizado.  
seu partido político ainda não foi aprovado pra administrar o  
mundo.

sua entrega, tão grande, não coube nele  
que nunca viu uma mulher em paz que dança.

ele não sabe receber uma missão tão grande e forte  
quanto a de abraçar o tsunami que você é;  
o jardim suspenso que sua beleza exprime  
na selva de pedras da vida  
no árido que é a geração do desinteresse.

você tem colocado lágrimas em pessoas  
que nunca viram um rio chorar  
nunca viram uma ressaca do mar  
nunca foram a própria ressaca  
alagando as casas  
transbordando tudo de sentimento

então por que  
por que é que você continua nesse caminho  
se do solo não sairá nutriente algum pra  
sua boca faminta  
[seu coração]  
se do mar nenhuma onda te fará mais cheia,  
transbordante

[ele não tem sido suficiente]  
se do coração dele você não receberá nada  
a não ser o silêncio de perceber que não entendem  
nada do seu amor e do que  
ele pode alimentar.

*nós nunca daremos certo nesta vida.  
eu nunca ouvi seus cantores favoritos  
e as músicas do meu celular nunca tocaram em  
você.*

## os lugares também falam

não daremos certo nessa vida.  
você nasceu às três da manhã na zona sul do Rio  
enquanto eu nascia  
às três da tarde em São Paulo.

*nossas diferenças não são apenas geográficas.*

sua cor favorita é laranja, e dela passo  
distante em todas as minhas escolhas:  
sempre preferi árvores às grandes cidades.

passo por cima de pedras e silêncios  
você prefere escutá-los.  
sua boca fala mais de trinta e  
duas palavras por minuto  
[eu já contei]  
enquanto tento não me embaralhar  
falando duas.  
a dislexia fala muito por mim.

*você também.*

não daremos certo nessa vida.  
o único vício que ponho  
na boca é sua língua molhada à noite.  
enquanto você reza pra um deus que não  
conheço vir nos resgatar.

de quem? te escrevo.

você prefere a praia de Ipanema  
eu gosto mais do mar do Leblon.  
suas mãos procuram lugares cheios pra existir  
meu corpo só dança nos vazios.  
seu pecado é sorrir demais;  
minha tristeza é o meu cerrar de lábios.

mas você não vê que sou sempre triste,  
não é?

não daremos certo nesta vida.  
você prefere a euforia das noites,  
enquanto nelas descanso meu corpo e poetizo.  
seus olhos nunca decifram parte alguma  
da minha alma  
eu poderia transcrever todas as vezes  
que você chora sem verbalizar.

você nunca viu uma estrela-cadente.  
há uma dormindo ao seu lado na cama  
neste exato momento.  
você procura argumentos;

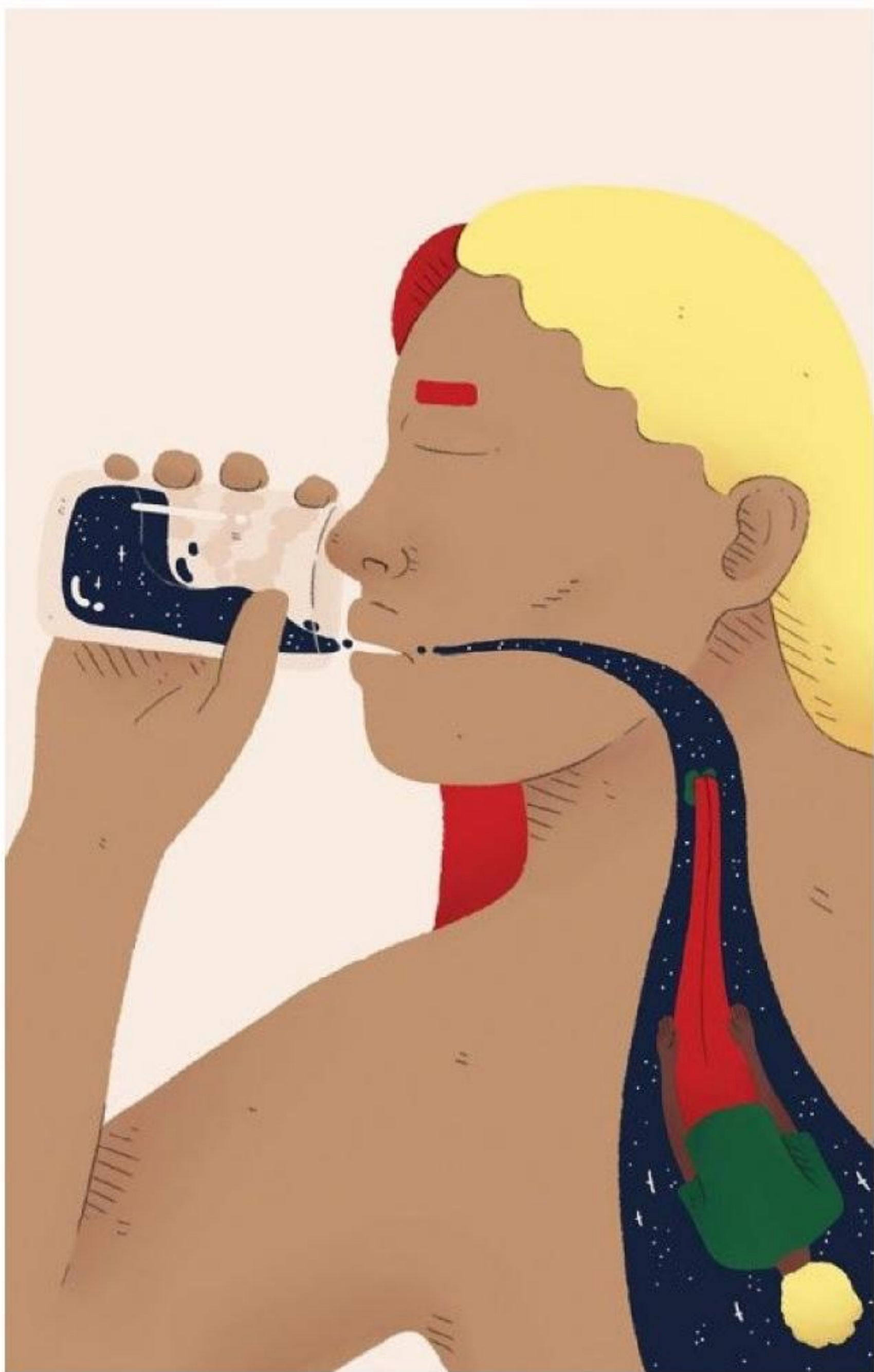
eu ainda estou tentando ouvir a sua voz.  
você só entende o mundo quando grita  
eu preciso da tranquilidade  
das coisas pra saber existir.

nós nunca daremos certo nesta vida.  
eu nunca ouvi seus cantores favoritos e  
as músicas do meu celular  
nunca tocaram em você.

converso com um estranho às vezes  
há palavras da minha língua que você  
desconhece.

*nós nunca daremos certo nesta vida.*

mas quem sabe em outra, meu bem?  
quem sabe em outra.



## **sede**

que nossa carência não  
nos engane: beber de  
qualquer relação  
ainda é estar com fome.



*e agora eu estou na cozinha  
chorando pelo medo ou  
adrenalina de estar em um território que já foi  
pensado por duas pessoas  
em um espaço que poderia fazer dois corações  
felizes,  
mas que só fará sentido pra um.*

## **no apartamento que conheci sem você**

me mudei finalmente pro apartamento  
que tanto a gente falava  
fica a dois bairros depois do seu  
exatos quinze minutos de carro da sua rua  
quarenta a pé da sua esquina  
séculos de distância entre meu amor e o seu

neste exato momento estou sentado comendo pão com  
mortadela  
bebendo o café da padaria que a gente sempre reclamava que  
era cara demais  
os mercados estão fechados  
é domingo  
soltaram fogos no céu pra anunciar que algum time ganhou o  
jogo importante  
e meu apartamento está uma bagunça  
assim como meu espírito

descobri que as paredes do quarto  
embora grandes

são pequenas quando penso que daqui em diante terei de olhá-las sozinho

e que acordar vai ser o momento-resgate da minha solidude onde precisarei aprender a viver como alguém que não se agarra a ninguém

como alguém que olha pela janela e suspende uma lágrima no céu pedindo a deus que o gosto da solidão não seja tão amargo assim

eu finalmente me mudei pra um lugar que tinha dito a você que seria nosso

eu havia pensado em todos os móveis

na cor cinza do sofá e no verde da parede

no preto dos azulejos e no banheiro moderno de que você tanto gosta

a gente tinha pensado em ter duas televisões

uma pra sala e uma pro quarto

pra quando eu quisesse assistir vôlei e você maratona alguma série adolescente

em ter as plantas em cada espaço possível de cada cômodo possível

tínhamos até combinado: você molharia nos dias ímpares e eu nos pares

você iria à feira

e eu ao supermercado

você levaria os animais pra passear

e eu cuidaria dos planos

dos boletos

das nossas vidas cotidianas e, enfim, adultas

tínhamos combinado de irmos juntos à loja de material de construção

de finalmente entender sobre cerâmica e yoga

sobre espiritualidade e esperança

sobre amor e cumplicidade

tantos eram os planos

e eu vim sozinho com eles

eu que, sozinho, abri o portão preto com

as malas e as caixas de papelão com todos os meus pertences

com nossas fotos e todas as últimas mensagens na caixa postal

com o diálogo de que moraríamos juntos um dia e todas as

promessas que se jogaram do parapeito da janela e morreram

frouxas no chão

e agora eu estou na cozinha chorando pelo medo ou adrenalina

de estar em um território que já foi pensado por duas pessoas

em um espaço que poderia fazer dois corações felizes, mas que

só fará sentido pra um

que foi arquitetado pra ser habitado por tantos estranhos

mas o maior deles não veio pra morar aqui.

*a ansiedade é um relógio que  
anda lado a lado comigo.  
regula quanto falta pra acabar  
o dia, se tenho tempo suficiente  
pra arrumar toda a bagunça  
do quarto – e do peito.  
a verdade é que nunca tenho.*

## sobre ansiedade

é a sensação de não conseguir controlar o próprio corpo.  
o sangue em tempo de consumir o organismo.  
os pensamentos em uma corrida desenfreada, esperando o  
momento de se chocarem.  
[eu tenho medo de que consigam se chocar um dia]  
o ar escolhendo outros pulmões pra morar.

a ansiedade é o estranho que pega o mesmo ônibus que eu,  
senta-se ao meu lado da janela, me espreme contra qualquer  
possibilidade de escape.  
me aperta na catraca, me tomando a chance da paz.  
ela é o motorista correndo a mais de duzentos quilômetros por  
hora em uma ponte  
que dá acesso a lugar algum. ela é a janela fechada que impede  
todos os passageiros  
de sentirem a sensação de vida correndo lá fora.

a perda de visão do que é óbvio e está logo à frente: meus olhos  
buscam a resposta, o caminho, a possibilidade, e tudo que  
encontram é uma muralha intransponível. tento enxergar o

mundo bonito em suas cores, mas tropeço na ansiedade segurando meus horizontes, me impedindo de continuar.

é a angústia de não viver os primeiros minutos do dia porque o coração agarrou nos pés das semanas seguintes, do ano que vem. tento acompanhar o ritmo com que meus pensamentos correm pro futuro, mas permaneço no presente, com o corpo exausto de tanto existir em lugares imaginários.

meus olhos procuram vidas em situações que só existem na minha cabeça.

e dói, tudo invariavelmente dói.

a ansiedade é um relógio que anda lado a lado comigo.

regula quanto falta pra acabar o dia, se tenho tempo suficiente pra arrumar toda a bagunça do quarto – e do peito. a verdade é que nunca tenho.

sempre faltam os minutos pra eu conseguir alinhar a vida e as expectativas – que, como lobos, insinuam medos em minhas orações.

regula quanto falta pra terminar a comida no prato, pra ouvir resposta da pergunta, pro vácuo que fica pendurado em quaisquer que sejam os diálogos, as viagens e as notícias da televisão.

bato os pés em sinal de que falta algo.

mas o quê?

é este contorcer de pés que dançam uma música cujo restante do corpo desconhece. e neste momento me perco, novamente,

em alguma nascente de mim mesmo, em algum lago canadense que nunca fui, em alguma praia pequena de uma cidade distante que só conheci em sonho. a música está mais alta agora, e meus joelhos dançam enquanto tento me concentrar.

é o turbilhão de inseguranças discutindo pra ver quem será a primeira a tirar minha empolgação sobre encontrar alguém. elas conversam sobre maneiras de me tirar de órbita e sempre conseguem. e eu recuo, achando que o problema sou eu. que eu não deveria ter mandado a mensagem, não deveria ter pedido pra ficar, não deveria pensar demais sobre quem nunca me teve na memória.

a ansiedade é o excesso de cor nos meus planos pra amanhã. e eu não sei lidar com tantas probabilidades de uma vez só. porque se pretendo sair de casa pra comprar pão, minhas células se preparam pra uma grande revolução. qualquer passo é uma grande disputa, qualquer silêncio é capaz de me engolir.

as pernas continuam dançando melodias impossíveis  
o ar continua em outros pulmões, enquanto minhas mãos buscam

o melhor remédio pra respirar.

a ansiedade continua no controle do ônibus a duzentos quilômetros por hora em uma ponte caminhando pra lugar nenhum.





*você não gostava de mim, afinal  
você gostava dos meus pés  
caminhando pelos seus  
do meu corpo preenchendo  
espaços que outros caras te  
deixavam  
das minhas mãos protegendo  
seu medo de conhecer outras  
pessoas.*

você não gostava de mim  
você gostava da minha presença  
envelopando sua solidão  
alimentando todas as suas angústias com pequenas atenções  
colocando na boca das suas frustrações todo o tempo que eu  
tinha  
todas as emoções que meu corpo carregava

você não gostava de mim  
afinal

você gostava dos meus pés caminhando pelos seus  
do meu corpo preenchendo espaços que outros caras te  
deixavam  
das minhas mãos protegendo seu medo de conhecer outras  
pessoas

e então de repente você estava lá  
com o peito aberto novamente

apontando para o oceano  
o continente

o caminho que não era eu

lá estava você

pronto pra se jogar do último andar

daquilo que eu chamo de ego

pronto pra se quebrar inteiro

na desilusão

pronto a me encontrar lá embaixo

pra te dar os primeiros socorros

limpar as eventuais feridas

tratar dos possíveis traumas

mas era eu quem os carregava

era eu quem cuidava de você

pra enfim te ver correr curado a outros amores.

## utopia

haverá um tempo em que não precisaremos medir as palavras

será um

*eu te amo*

*te quero por perto*

*e que saudade de você*

pra todo lado.

por todo canto

será um

*há quanto tempo eu não te vejo*

*por onde você esteve?*

*estou apaixonado.*

e sem medir as palavras  
conseguiremos aumentá-las

esticá-las

e colocá-las

em pessoas

não em intenções.



## a última vez que me senti amado

a última vez que me senti amado

a barba do seu rosto ainda não tinha subido pelo maxilar,  
escalado as paredes da sua bochecha

seu rosto de homem ainda não havia se consolidado e a gente  
falava sobre viajar à Itália pra noivar ou coisa assim.

a última vez que me senti amado

seu cachorro tinha pouco menos de dois anos

e corria pela casa como quem não sabe o que a palavra  
“descanso” significa

não existia uma obra sendo executada no edifício ao lado do seu  
o Flamengo estava prestes a ser campeão brasileiro

deus parecia menos carente da minha atenção e eu tinha o gosto  
doce das coisas que tocavam a pele e se fixavam na membrana  
do peito

a última vez que me senti amado

sexo era uma palavra pequena pro que fazíamos na cama  
então eu costumava não usar

eu apenas dizia aos meus amigos: “ontem o afeto dançou pelo quarto”

seus desejos eram como crianças insolentes à procura de qualquer brincadeira de rua  
aquelas que fogem de casa pra se esconder em qualquer beco e a diversão, por mais desonesta que fosse, ainda era uma felicidade da qual valia a pena apanhar

eu me senti muito amado por você  
e a última vez que teu amor se enrolou no meu pescoço  
não havia tantas cicatrizes na minha pele e tantos arranhões no centro dos punhos  
eu não andava por aí pensando na insuficiência dos relacionamentos que não preenchem o espaço destinado às grandes paixões  
o número 38 cabia em mim

tantas coisas cabiam em mim quando eu me senti amado pela última vez

a blusa vermelha que você deu no dia do meu aniversário e o perfume que agarrou minha nuca por meses depois que foi embora

a risada da sua mãe logo pela manhã, nos acordando antes das nove  
o preço do pão

agora tudo parece longe e perdido  
triste e distante



disforme e sem cor.

a última vez que me senti amado

a gastrite ainda não tinha levantado os braços dentro do meu estômago

os refluxos não pareciam terremotos prontos pra levar cidades inteiras

a febre de sentir tudo à flor da pele estava controlada contida

presa em algum espaço entre um soluço e outro

mas agora o soluço é cotidiano

o soluço é um adolescente que foge de casa sem avisar os pais que aparece no meio de uma dor aguda

de um dia solitário do mês de julho

e que espera um deslize pra voltar a aparecer

o soluço é você

que me amou como se amar fosse a

única solução pra amargura do mundo

e era.

# 10

todas as agonias do universo  
residem num coração impossibilitado de amar.

*image  
not  
available*

*image  
not  
available*

costurar todas as feridas que ainda vivem no meu coração, de todas as pessoas que abriram a porta e não vieram fechá-la. dos que se foram, mas não disseram que voltariam. *quem vai embora, dificilmente volta pra se buscar.*

falta muito pro fim do mundo começar?

pretendo aprender uma nova língua antes de tudo ir pro espaço. não porque eu amo este universo, mas porque sempre tive dificuldade em assimilar como falam as outras pessoas. nunca soube memorizar os sujeitos da oração e queria me ater a isso pelo menos enquanto um meteoro não cai aqui ou as guerras do mundo finalmente terminem com a nossa humanidade – já não terminou?

quero mudar todos os móveis de lugar. colocar o sofá onde está a parede da televisão; pôr a cama na janela onde bate sol, substituir a televisão pela estante de livros que ainda não li – e lê-los enquanto temos que ficar presos aqui, nesta dimensão.

será que existe outra dimensão?

realidade paralela?

sonho?

quanto falta pra sermos engolidos por outro mundo?

quero me reconciliar com a minha ex-melhor-amiga. dizer a ela que sempre a amei e vou amar, mas precisávamos de tempo pra respirar – e tivemos, até demais. quero voltar a falar com meu primeiro namorado, perguntar se ele ainda tem crise de pânico e se transpira nas costas quando está muito nervoso. quero falar

com quem se tornou desconhecido pra mim, e se possível me abrir com ele como eu faria com deus - ainda que ele não atente seus ouvidos às minhas orações.

preciso falar pra mãe que amo muito quando ela me olha e sorri do nada. quando me elogia de repente, e diz que sente orgulho de mim, pois é tão raro acontecer. vou ligar amanhã pra ela e dizer que nunca senti mágoa por ela não saber lidar comigo na adolescência, eu era um adolescente inconsequente mesmo, e tudo bem.

ligar pro pai, contar a ele que o amo demais, e que compreendo suas mãos cansadas e olhar distante. o mundo é cruel com quem nasceu com poema nos olhos.

ouvir a voz da avó, sua gargalhada poderia me abraçar durante a noite.

ver meu desenho animado favorito.

pintar o cabelo de roxo, voltar a conversar com algum deus que queira me ouvir reclamar da demora pro fim do mundo, aprender a tocar violão, quem sabe piano, dar bom dia pra vizinha com quem discuti anos atrás, voltar a gostar dela, contar quantas estrelas existem na constelação de Órion, acreditar em signos novamente, chorar sem me sentir culpado de molhar o chão de casa, o chão de mim.

falta muito pro fim do mundo começar?

tenho que me arrumar pro acontecimento.



# teu nome é um eco no escuro

*eu sabia que você voltaria quando o segundo beijo  
não tomasse a forma de um tsunami  
quando a transa do dia seguinte não te causasse  
tremor nas pernas e suor nos pelos  
quando as festas com ele se tornassem vazias  
de sentido ou razão*



*you always stay with the beautiful parts, and I keep trying to find something that doesn't have your digital.*

*image  
not  
available*

*image  
not  
available*

nunca vou te perdoar por gostar dela mais do que eu, e por tê-la terminado primeiro, bem na semana que nosso relacionamento acabou.

eu não consigo mais rir das piadas da série. eu não consigo não chorar ao lembrar de que você também ficou com essa parte nossa que você sempre fica com as partes bonitas e eu sigo tentando achar algo que não tenha suas digitais.

todas as vezes que fizemos *palha italiana* às duas da manhã. você perguntava se eu gostaria que fizesse um doce e nossos olhos se encontravam na arte de cozinhar de madrugada. você também ficou com essa memória bonita da gente na sua cozinha; eu te agarrando por trás e você se equilibrando entre mexer o chocolate, me olhar, e tentar acertar o ponto da comida. até hoje não *acertamos o ponto da nossa relação*.

eu nunca vou te perdoar por ter deixado este gosto amargo, seco, intragável e solitário de algo que poderia ter dado certo, mas não deu. não tem chocolate algum que cure o sentimento de tristeza que ficou depois que você abriu as asas e saiu voando.

*todas as pizzas de terça-feira.*

você adorava a massa fina e o gosto igual de todos os sabores. eu ria porque como pode alguém gostar tanto de calabresa a ponto de pedir a mesma pizza sempre e comer como quem está no céu?

as terças-feiras depois disso nunca mais foram as mesmas. sinto falta da sua risada ao chegar com as caixas, a vontade e o amor

pela cerimônia.

nunca te perdoarei por ter me viciado em você e em um sabor que nem ao menos gostava.

*eu perdi a gente.*

eu e você sendo felizes sentados na calçada da rua observando quantas eram as luzes acesas do prédio ao lado. eu perdi você apoiando a perna direita na esquerda na hora de cozinhar. eu perdi você desesperado porque tinha acordado depois do meio-dia de novo. eu perdi sua mãe me acordando porque o cachorro estava querendo brincar. eu perdi as festas que eu nem gostava tanto assim, mas que hoje despertam no meu coração uma espécie de saudade. eu perdi todos os copos de água colocados no parapeito da janela pra me proteger da rinite e me manter hidratado. eu perdi os rinosoros e os remédios pra qualquer crise que eu pudesse ter.

eu perdi você.

eu perdi você e tem sido difícil considerar minha vida sem suas manias chatas

e suas reclamações intermináveis.

tem sido difícil considerar viver

sem saber que você existe ao meu lado.

que a vida continua apesar da solidão dura de um amor que acabou. de um amor que tinha tudo pra ser mais do que foi se a gente não tivesse tirado os pés do chão e ido rumo a outros caminhos.

me devolve tudo que eu perdi.

*todas as coisas que queríamos  
fazer moram no passado  
desejando não estarem tão  
sozinhas.*

*image  
not  
available*



que sua pele não sentiu  
a tatuagem que não fizemos juntos  
os porres que não demos quando tivemos a chance  
a família que você não conheceu  
seus melhores amigos que meus olhos nunca viram  
todos os planos que morreram de nadar antes  
de chegarem à praia, à vida  
a tudo

e agora estão lá, solitários  
em alguma parte da nossa história  
que não contamos a ninguém  
em algum lugar escondido que não  
ousamos voltar por medo ou ansiedade  
em algum espaço dentro de nós  
que está embalado a vácuo

esperando pra se sentirem menos inúteis e  
menos impossíveis  
pra serem finalmente terminados, destruídos,  
ou trazidos de volta.

tantos planos precisam ouvir que acabou  
que não há mais sentido algum  
e que não voltaremos a eles  
planos que pararam no meio do caminho  
e nos viram andando como quem perde algo  
essencial, mas mesmo assim continua seguindo  
agora um sem o outro  
sem os planos do amanhã

*image  
not  
available*

*não ir às festas  
mas fazer questão de deixar sua  
presença em todos os  
blocos de carnaval  
até que não reste fantasia  
alguma do amor aqui em casa.*

## trovoa

ir te perdendo lentamente pelos bairros  
te abandonando pelos lugares até que  
suas digitais desapareçam dos postes  
das vielas  
das calçadas

deixar um pouquinho de você pela av. Presidente Vargas  
não voltar a ela tão cedo  
soltar todas as nossas memórias na praia do Arpoador  
Ipanema, Leblon  
não mergulhar no infinito do mundo pelos próximos meses

- preciso me curar do seu cheiro abrindo  
caminhos em mim -

desistir de todas as promessas que fizemos em Copacabana  
me esquecer de andar de bicicleta por ali.

ir te perdendo pelas ruas da Lapa  
pegar outro ônibus que não passe debaixo dos arcos e das  
frustrações

de ter dado tudo errado  
nunca mais lembrar que era o bairro escolhido  
pra gente morar e ter filhos.

não ir às festas  
mas fazer questão de deixar sua presença em todos os  
blocos de carnaval  
até que não reste fantasia alguma do amor aqui em casa.  
deixar de frequentar as discussões sobre nós dois  
mas permitir que você siga por aí  
vivendo, dançando, sendo livre  
pelo Rio de Janeiro  
agora sem mim.



*image  
not  
available*

## **a gente terminou em uma quinta-feira**

e desde então tenho pedido a deus que todos os meus dias sejam parecidos com nosso último feliz. aquele que vimos série na televisão, depois pedimos comida e, por fim, fizemos amor.

eu sentia que aquele dia poderia ser o último das nossas vidas.

desde então, assim que acordo, peço que a paz daquele momento entranhe meu organismo. porque eu não quero sentir a dor de quinta-feira. a dor de te ver do outro lado da cama e não te reconhecer. de te olhar e perceber que aquela não era a pessoa pela qual eu havia me apaixonado. a dor de sair da sua casa, afoito, apenas com uma mochila e a promessa: *eu não vou mais voltar.*

e é tão duro não voltar.

é tão duro bater no peito e bancar a decisão tomada. é tão duro não poder ligar depois e dizer: *eu não estava falando sério.* porque, caramba, eu falava sério demais. mas é tão duro ter de seguir adiante com a escolha, e se confrontar pelos dias e noites.



eu só queria viver naquele tempo-espaco pra sempre. eu só queria que a minha vida não tivesse se tornado uma sucessão de quintas-feiras: vazias e solitárias. agora tudo é mais difícil sem você. a comida perdeu o sabor, tenho colocado mais sal do que o necessário em tudo o que eu como e mesmo assim nada parece tirar minha língua do lugar. o céu continua bonito, mas as nuvens cinzas retêm melhor minha atenção. a praia perdeu o cheiro do mar: afogo minhas esperanças na água e, ainda assim, volto à superfície drenado.

eu só queria voltar àquele dia em que nada poderia me tirar da cabeça que você era o homem da minha vida. que você era a pessoa escolhida por mim e pelas vidas passadas pra que o mundo não me atingisse de maneira tão brutal; pra que a vida se estendesse sobre nós da maneira mais sublime possível. o que aconteceu pra gente ter terminado assim? o que houve pra que todo o amor que o último-melhor-dia que passamos juntos fosse por água abaixo?

a vida agora parece uma eterna quinta-feira.

eu pareço estar preso àquele último microssegundo que te vi voltando pro seu quarto enquanto eu pegava a bolsa, entregava as chaves da casa e me despedia da sua mãe.

você parecia tão conformado com a minha partida, como se soubesse que havíamos ruído há muito mais tempo do que eu imaginava. você soube antes de mim que não passaríamos pela primavera, que não teríamos o colo um do outro pra se aconchegar no próximo verão.

foi o que mais doeu. eu saindo da sua casa e você estático. você em silêncio esperando todos os meses que passamos juntos escaparem pelo segundo andar do seu apartamento em um dos piores dias da minha vida. você esperando eu desatar o nó pra, enfim, seguir também.

tudo aconteceu tão rápido que me pergunto se fiz o certo. mas se eu não fizesse ali, naquele momento, quando então? quando eu teria coragem de vivenciar, sozinho, uma vida repleta de quintas-feiras?

estou pedindo pra que a gente passe logo.  
pra que eu esqueça aquele dia.  
pra que a dor deixe de latejar  
e comece a ir embora.

pra que eu, finalmente, acorde em uma sexta-feira.

*conta pra ele que você continua acreditando no  
amor  
mesmo depois do fim, mesmo depois de mim,  
mesmo  
depois de nós.*

## **está tudo queimando em mim / âmbar**

conta de mim pro próximo amor da sua vida.

diga a ele que eu te tirei de casa em um sábado de manhã pra fazer uma trilha que você não queria de jeito nenhum. e que depois desse acontecimento, você me convenceu a fazê-la pelo menos um final de semana de cada mês. era nosso ritual sagrado de coisas-que-só-dariam-certo-entre-a-gente.

conta que eu fui o primeiro cara que te levou a uma feira literária. e que lá você se encantou com os livros, quis comprar todos, mas levou só alguns.

que na viagem de volta pra casa você dormiu nos meus ombros pela primeira vez  
e isso me fez chorar horrores  
porque sempre fui o sensível da relação.

conta a ele que você me levou na rodoviária no dia que fui embora do estado  
quando ficamos chorando como duas pessoas que acabaram de se conhecer.